

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

MAYLA SHIVA GRIBL SOUZA

EDUCOMUNICAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: ANÁLISE DA ONG
VIRAÇÃO COMO INICIATIVA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA A
JUVENTUDE

Ribeirão Preto

2022

MAYLA SHIVA GRIBL SOUZA

**EDUCOMUNICAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: ANÁLISE DA ONG
VIRAÇÃO COMO INICIATIVA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA A
JUVENTUDE**

Trabalho de conclusão de curso de
Jornalismo do Centro Universitário Barão
de Mauá para obtenção do título de
bacharel.

Orientadora: Dra. Gabriella Zauith

Ribeirão Preto

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

S716e

Souza, Mayla Shiva Gribl

Educomunicação para os direitos humanos: análise da ONG Viração como iniciativa de mobilização social para a juventude/ Mayla Shiva Gribl Souza - Ribeirão Preto, 2022.

57p.il

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social Hab. Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Gabriella Zauith Leite Lopes

1. Educomunicação 2. Educação 3. Coletivo I. Lopes, Gabriella Zauith Leite II. Título

CDU 070

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

MAYLA SHIVA GRIBL SOUZA

**EDUCOMUNICAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: ANÁLISE DA ONG
VIRAÇÃO COMO INICIATIVA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA A
JUVENTUDE**

Trabalho de conclusão de curso de
Jornalismo do Centro Universitário Barão
de Mauá para obtenção do título de
bacharel.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Gabriella Zauith
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Carmen Brunialti Justo
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Gustavo Aranha Portela
Universidade Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Ribeirão Preto

2022

Dedico este trabalho a todos os professores que
ainda acreditam no poder transformador da
educação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha pequena família de mulheres fortes: LílianMárcia e Sarah Jéssica, que foram a minha base e sustentação ao longo de toda a minha vida, e que nunca me deixaram desistir de ir em busca do tão sonhado diploma e sempre acreditaram no meu potencial de chegar até aqui. Um agradecimento especial para a minha avó, que foi a responsável pela minha educação e fez um trabalho maravilhoso mesmo com os poucos recursos que tinha ao seu alcance.

Obrigada também aos docentes que acompanharam a minha trajetória no curso de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, principalmente à minha orientadora/amiga Gabriella Zauith, que é a educadora mais fantástica que eu já conheci. Muito obrigada pelo acolhimento e carinho de sempre, Gabi. Espero um dia ser 1% da pesquisadora incrível que você é.

Deixo aqui minha gratidão e amor declarados a minha companheira de surtos, risadas, choros e conquistas: Luiza Luz, eu não escolheria ninguém mais para enfrentar essa louca e inconstante jornada universitária. Você foi a minha base em muitos momentos, e eu jamais teria chegado até o fim sem você do meu lado. Obrigada, amiga.

Agradeço especialmente a todos os professores que cruzaram a minha vida acadêmica. Me sinto privilegiada por ter sido instruída por profissionais tão competentes, e que resistem com dedicação e resiliência às dificuldades e obstáculos presentes no ensino público brasileiro. Eu sou orgulhosamente um fruto da escola pública, e não teria sido possível acessar a universidade sem o apoio de educadores realmente comprometidos em transformar vidas através do ensino.

“Me movo como educador, porque, primeiro,
me movo como gente.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho pretende compreender de que maneira projetos de educomunicação impactam as comunidades onde estão inseridos e, de maneira mais ampla, perceber quais as possibilidades de ação social promovidas por essas iniciativas. A partir desse objetivo de pesquisa foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, utilizando-se da pesquisa exploratória na internet sobre projetos de educomunicação, que trabalham com jovens em áreas marginalizadas e/ou escolas públicas. A partir desta pesquisa, a Organização Social Viração foi selecionada como objeto de estudo, com análise dos materiais e atividades promovidos pela iniciativa de Educomunicação. O corpus da pesquisa inclui os produtos midiáticos e jornalísticos: Agência Jovem de Notícias, Revista Viração e o robô virtual U-Report. Para análise foram utilizados seis critérios: público-alvo, formato, recorrência, número de edições, desenvolvimento e amostra do produto. A análise final traça comparativos e pontos de protagonismo e destaque entre os projetos analisados e seus impactos na juventude.

Palavras-chave: Educomunicação. Educação. ONG Viração.

ABSTRACT

This work intends to understand how educommunication projects impact the communities where they are inserted and, more broadly, to understand the possibilities of social action promoted by these initiatives. Based on this research objective, a bibliographical and documentary research was carried out, using exploratory research on the internet about educommunication projects, which work with young people in marginalized areas and/or public schools. Based on this research, the Viração Social Organization was selected as the object of study, with an analysis of the materials and activities promoted by the Educommunication initiative. The research corpus includes media and journalistic products: Agência Jovem de Notícias, Revista Viração and the virtual robot U-Report. Six criteria were used for analysis: target audience, format, recurrence, number of editions, development and product sample. The final analysis draws comparisons and points of protagonism and prominence between the analyzed projects and their impacts on youth.

Key-words: Educommunication. Education. Community.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO	15
2.1	Educomunicação	17
2.2	A influência de Paulo Freire.....	20
2.3	O papel do educador	21
2.4	Educação midiática e mídia-educação	23
3	EDUCAÇÃO, COMUNIDADE E JUVENTUDE	26
3.1	Escola, família e comunidade: Uma relação para a cidadania	26
4	VIRAÇÃO: ESTUDO DE UMA INICIATIVA DE EDUCOMUNICAÇÃO.....	29
4.1	Pesquisa exploratória: primeiras considerações e dificuldades	29
4.2	Viração: Uma educação para os direitos humanos	30
4.3	Materiais e iniciativas	31
4.4	Roteiro das análises.....	32
5	REVISTA VIRAÇÃO.....	34
5.1	Público-alvo	34
5.2	Formato.....	34
5.3	Periodicidade	34
5.4	Número de edições	34
5.5	Desenvolvimento	35
5.6	Amostra.....	35
6	AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS.....	38
6.1	Público-alvo	38
6.2	Formato.....	38
6.3	Periodicidade	38
6.4	Número de edições	39
6.5	Desenvolvimento	39
6.6	Amostra.....	39
7	U-REPORT.....	42
7.1	Público-alvo	42
7.2	Formato.....	42
7.3	Periodicidade	42
7.4	Número de edições	42

7.5	Desenvolvimento	43
7.6	Amostra.....	43
8	ANÁLISE.....	47
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, elaborado através de uma monografia, analisa projetos que promovem a integração da educação com a comunicação, sobretudo em periferias e locais de baixo alcance da mídia.

Este é um projeto do campo da educomunicação, que consiste na aplicação de conceitos naturais dos estudos e práticas da comunicação dentro do âmbito escolar, promovendo meios de inserir o aluno como protagonista da sua experiência de aprendizagem, integrando-a ao que faz sentido com suas vivências particulares e cotidianas.

[...] Comunicação/educação inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. Nesse campo cabem: do território digital à arte- educação, do meio ambiente à educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura etc. Tudo percorrido com olhos de congregação das agências de formação: a escola e os meios, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica (BACCEGA, 2009, p. 20).

Na proposta da educomunicação, o professor se torna um mediador entre as ideias e os estudantes, em um papel de oferecer as informações para estimular a reflexão e debate entre os alunos, deixando que se expressem de acordo com o entendimento particular de cada um ao mesmo tempo que estabelece a conexão entre a vivência do aluno e o conteúdo disciplinar.

Soares (2011) explica que para uma compreensão proveitosa do material apresentado em sala de aula, é preciso conseguir inserir o contexto acadêmico dentro do cotidiano do aluno e vice-versa, sem limitar o aprendizado estritamente à escola.

Uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações (SOARES, 2011, p. 8)

Para isto, um dos pilares da educomunicação e que possibilita a sua prática é a educação midiática ou mídia-educação, que pode ser entendida como a utilização dos mecanismos e meios midiáticos de propagação da informação dentro de um contexto acadêmico. Assim, pode se entender que “de modo geral, em relação às mídias, suas estéticas e linguagens, é preciso desenvolver princípios e métodos para que as mídias possam ser inseridas na agenda da escola enquanto um processo de aprendizagem” (TUFTE; CHRISTENSEN, 2010).

Da mesma forma como esperamos que as crianças aprendam a ler livros, jornal e poesia em diversos meios, consideramos fundamental que o currículo escolar possibilite um trabalho para analisar imagens, notícias, documentários, mensagens

publicitárias e para operar com os meios e com as tecnologias da web 2.0 não só para navegar de forma segura, mas para criar, postar e compartilhar conteúdos de maneira responsável. Neste sentido, é importante que além da dimensão teórica, a dimensão instrumental sobre o uso de ferramentas e tecnologias digitais também esteja contemplada de alguma forma no currículo, não só para conhecer suas potencialidades e seus riscos, mas para conhecer e saber usar suas linguagens e seus códigos na perspectiva crítica de uma ampla aprendizagem que é parte essencial na experiência de aprender (FANTIN, 2012, p. 443)

Feita a compreensão da temática, a próxima etapa deste projeto está relacionada ao público-alvo da análise aqui realizada, no caso, estudantes e jovens em situação de vulnerabilidade social em centros acadêmicos públicos e/ou periféricos que participam de ações voltadas à educomunicação com foco na realidade e vivência da sua comunidade, utilizando a educação midiática como artifício para a promoção de transformação e protagonismo social.

São essas relações afetivas com o território e com o coletivo que pautam todo o processo de criação e gestão de um equipamento comunitário. Somente quando se sentem pertencentes e partes do coletivo é que os agentes se tornam mobilizadores envolvidos em uma proposta de comunicação comunitária (DIETRICH, 2011, p.28).

Desse modo, a questão levantada no presente trabalho é: Como a educação midiática pode impactar no ensino de jovens, principalmente daqueles em vulnerabilidade social, e contribuir para a formação crítica desse indivíduo?

Este tema foi escolhido pela relevância e urgência em se discutir, questionar e refletir sobre os moldes nos quais a educação funciona hoje no Brasil, debatendo sobre qual é o papel que a mídia vem exercendo nos jovens. Não apenas para expor as questões de quem fica às margens da sociedade e dos círculos acadêmicos, mas também qual a participação dessas pessoas no fazer midiático, e de que forma são apresentadas a um ensino que utiliza da comunicação como método de aprendizagem crítica e inovadora.

Outro ponto que deve ser levado em consideração para o estudo desse tema é a defasagem de recursos tecnológicos no ensino e os índices de abandono escolar da população jovem. Segundo os resultados divulgados pelo Censo Escolar 2021 (Figura 1), realizado pelo Ministério da Educação, dentro da população de 5 a 17 anos, a faixa etária com o maior número de pessoas que não frequenta a escola é justamente a dos jovens de 17 anos, conforme os gráficos abaixo ilustram.

Esses dados reforçam a necessidade de iniciativas educomunicativas (Figura 2) que tentem de alguma forma interferir nessa realidade, levando as ferramentas midiáticas e o conhecimento acadêmico até os espaços não regulares de ensino, inserindo-se no cotidiano desses jovens que, por alguma razão, não estão em contato com a escola ou se estão, não possuem acesso às ferramentas midiáticas para a produção de saber.

Figura 1 - População de 5 a 17 anos que não frequenta a escola - 2021**População de 5 a 17 anos que não frequenta escola - Brasil - 2021**

Fonte: Inep/Censo Escolar 2021

Figura 2 - Recursos tecnológicos disponíveis nas escolas de ensino médio segundo as regiões do Brasil - 2021**Gráfico 27. Recursos tecnológicos disponíveis nas escolas de ensino médio segundo as regiões - Brasil - 2021**

Fonte: Inep/Censo Escolar 2021

Outro ponto de relevância para a escolha desta temática é uma afinidade pessoal que possuo com o assunto, graças a minha experiência como professora voluntária em um cursinho popular, que oferece gratuitamente o ensino pré-vestibular para jovens de baixa renda. Através desta vivência em sala de aula, passei a ter contato com o verdadeiro potencial transformador de uma educação pensada de maneira crítica e considerando a particularidade de cada aluno enquanto indivíduo e cidadão.

Este trabalho é uma extensão do assunto desenvolvido no Projeto de Iniciação Científica “Educomunicação: elaboração e aplicação de um plano de aula midiático sobre fake news para alunos de um cursinho pré-vestibular popular”, orientado pela Prof^a Gabriella Zauith Leite Lopes, no ano de 2021.

O presente trabalho tem como objetivo analisar através de um estudo de caso a Organização Social sem fins lucrativos Viração, que promove iniciativas de educomunicação voltadas para a juventude, sob o lema “Educomunicação para os direitos humanos”, através de materiais, produções e projetos que convidam adolescentes e jovens a participarem e protagonizarem a vida pública da comunidade que os cercam.

A metodologia aplicada nesta monografia foi dividida em quatro principais vias de estudo, contemplando todas as etapas envolvidas na elaboração da atual pesquisa. O primeiro método utilizado neste trabalho foi a pesquisa exploratória, que consiste no levantamento de informações pertinentes através da delimitação e mapeamento das condições que permitem a existência do objeto de estudo da maneira como ele se apresenta (SEVERINO, 2016), sendo aqui foi empregado através de mecanismos de busca online para a pré-seleção e definição de qual das iniciativas educacionais seria o alvo do estudo de caso aqui apresentado.

Em consequência da pesquisa exploratória, se deu a segunda metodologia presente neste trabalho, que se trata de uma ampla pesquisa bibliográfica de autores e obras referenciais dentro das áreas que se relacionam direta ou indiretamente com o tema desenvolvido ao longo deste estudo.

É um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p. 51).

Nesta etapa, o estudo é desenvolvido através de materiais referenciados que já existem sobre o determinado assunto, sendo que livros e artigos são os principais recursos usados como apoio bibliográfico para um entendimento mais amplo do conhecimento que já constitui o universo de um determinado campo científico (GIL, 1999, p. 65). A pesquisa bibliográfica dentro deste estudo foi usada como material essencial para a confecção deste trabalho como um todo, uma vez que a temática central desta pesquisa, a educomunicação, nasce da união de outras vertentes científicas, com as quais pode se relacionar e estar inserida de múltiplas maneiras, como a educação, a comunicação, a crítica da mídia e a comunicação comunitária.

Sendo assim, foi realizado um levantamento deste material como embasamento teórico e a catalogação dessas fontes dentro de um guia de informações para que o processo de delineamento das próximas etapas metodológicas possuísse um respaldo referencial que facilitasse a execução do trabalho como um todo.

O terceiro recurso metodológico usado para a elaboração deste estudo foi a pesquisa documental, que se diferencia da pesquisa bibliográfica unicamente pela origem de onde advém as fontes utilizadas como base teórica para o trabalho, uma vez que o referencial não é buscado através de livros e artigos, mas sim outros meios que não necessariamente receberam o mesmo tratamento analítico das bibliografias (GIL, 1999).

Neste presente trabalho, a pesquisa documental aparece através do uso como material de apoio e citação de informações presentes em sites e documentários relacionados ao tema da educomunicação.

Por fim, foi através de um estudo de caso qualitativo que foi desenvolvida a quarta e última etapa deste trabalho, sendo escolhido como objeto de análise a Organização Social sem fins lucrativos Viração, que atua através de projetos de educação midiática e iniciativas integrativas com adolescentes e jovens sob o lema “Educomunicação para os direitos humanos”.

A pesquisa em questão incluiu a análise dos principais materiais e projetos desenvolvidos pela Viração, assim como os produtos midiáticos e jornalísticos (podcast, agência independente de notícias e revista) e programas e eventos vinculados a temas relevantes na atualidade.

2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A educação é um direito global que está previsto no 26º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde se estabelece três principais premissas que, juntas, asseguram que “todo ser humano tem direito à instrução” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948). Para além disso, o documento também aponta os níveis de instrução gratuita que toda nação deve oferecer aos seus cidadãos, sendo estes os elementares e fundamentais, assim como prevê a qualidade de um conteúdo humanista e voltado para o respeito e tolerância das liberdades individuais de todos.

Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos (ONU, 1948).

No Brasil, o direito à educação está garantido pela Constituição Federal, de 1988. Do Artigo 205 até o 214, estão assegurados na legislação todos os direitos da população brasileira referente ao acesso e exercício da educação, sendo “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Além do respaldo legislativo, a educação no Brasil também é representada no Poder Executivo desde 1930 através do Ministério da Educação, órgão responsável por regularizar e fiscalizar instituições e iniciativas educativas no país, além de promover campanhas de cunho sócio-educacional e programas de ingresso nas universidades.

A principal ferramenta do Ministério da Educação (MEC) para a regulamentação do ensino no Brasil é a Base Nacional Comum Curricular, ou BNCC, que é responsável por formular e definir os currículos disciplinares aplicados nas instituições brasileiras de educação, estabelecendo as habilidades e competências que devem ser desenvolvidas em cada etapa da formação acadêmica do indivíduo. Todo o processo de escolaridade dentro da educação básica — que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio — deve

seguir o que está previsto no documento da BNCC, sendo que o “seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito” (BRASIL, 2018).

Contudo, apesar da lei que protege o acesso à instrução escolar, os dados de um levantamento realizado pela organização Todos Pela Educação, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) e IBGE do 2º trimestre de 2021, 244 mil crianças dentro da faixa etária de 6 a 14 anos não estavam matriculadas em alguma instituição de ensino. Dentre os jovens de 15 a 17 anos, 407,4 mil constavam como fora da escola neste mesmo período, apesar de que, comparado aos dois anos anteriores, 2020 e 2019, este número representa uma diminuição deste quadro — mas que permanece preocupante.

Esses dados evidenciam que, mesmo assegurado pela Constituição, nem todos os cidadãos gozam plenamente do direito à educação.

A comunicação midiática, isto é, a comunicação feita através dos meios da mídia, é a principal responsável pela massiva disseminação de informações no Brasil e ao redor do mundo. Guareschi e Biz (2005, p. 38) estabelecem a mídia como “o coração da sociedade da informação, sob cuja égide vivemos”, caracterizando-a como o aspecto central e vital da era informatizada. Nesse sentido, ela ocupa o importante papel de pilar da democracia ao servir de ponte entre a verdade e o público, ou seja, a população, viabilizando o acesso à informação e tornando-a compreensível para as massas.

No tocante à legislação, a Constituição Federal do Brasil de 1988 prevê no inciso XXXIII, do artigo 5º, o direito ao acesso à informação estatal, seja esta de interesse público, coletivo ou privado.

XXXIII - todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado (BRASIL, 1998).

Vale ressaltar que a Constituição de 1998 surge de um contexto pós-ditadura militar no Brasil, que durou de 1964 a 1985, sendo que este período ficou marcado justamente pela inacessibilidade da população aos atos e documentos mantidos pelo governo ditatorial, que concentrava o controle às informações e até mesmo o que era, ou não, veiculado pelas mídias. De acordo com Araújo (2015), nessa época, a falta de transparência era uma característica da administração pública brasileira, sendo fortalecida a cultura do sigilo. Nesse sentido, a conquista do direito à informação se torna ainda mais latente e fundamental para o exercício da democracia no Brasil.

Para além disso, o direito à informação também é citado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) através do Artigo 19, que define o direito à liberdade de expressão, recepção e transmissão de ideias, onde fica garantido que todo ser humano tem a sua busca e acesso por informação assegurados pela ONU.

2.1 Educomunicação

A partir das décadas de 1960 e 70, com a aceleração e expansão das tecnologias de comunicação aliadas a um contexto de resistência anti-ditatorial por parte de académicos e estudantes, as discussões sobre uma área que integrasse ambos os conceitos, comunicação e educação, ganhou mais força na América Latina.

A educomunicação é uma área que nasce motivada por determinado quadro histórico, aquele no qual vicejavam as ditaduras latino-americanas dos anos 1960. De certa maneira, é uma reação ao autoritarismo que marcou o Cone Sul, em seu desfile de violência, censura e negação das bases do estado democrático de direito. Naquela conjuntura de violenta repressão e proibições, acionar estratégias para fazer circular a informação e o conhecimento censura-dos e interditados exigiu dos grupos populares, professores, jornalistas, artistas e intelectuais, pactuados com a democracia, o incremento de ações comunicativo-educativas capazes de fraturar o círculo de ferro forjado pelos militares e seus acólitos civis (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 13).

Outro aspecto que também colaborou para que o tema da educomunicação viesse à tona foi que “na década de 1970, assistiu-se a uma dura reação dos intelectuais e educadores latino-americanos à possível influência dos meios de comunicação – especialmente da televisão– sobre crianças e jovens” (SOARES, 2014, p. 19), e é diante desta problemática que a educomunicação, ou educação pensada para e em conjunto com os meios, surge como uma solução.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 55).

Contudo, educomunicação vai muito além do conceito de unificar educação e comunicação, mas propõe que uma área atue em conformidade com a outra, assim explorando as possibilidades de uma comunicação como potencial meio para educar e, também, vice-versa: uma educação elaborada para que o indivíduo consiga se expressar e comunicar o aprendizado adquirido para além da escola, e aplicá-lo em sua vida cotidiana, isto é, promovendo o exercício de cidadania ao transpassar o saber ao ambiente escolar.

Assim, a educomunicação também explora a chamada aprendizagem distraída, isto é, uma educação que se adquire sem perceber e não necessariamente vinculada ao ambiente regular de ensino. Aproveitando as experiências e vivências ao redor do estudante, a educomunicação faz uso deste saber despercebido não apenas de forma complementar ao conhecimento adquirido na escola, mas sim vincula um ao outro como parte de um processo integrado por completo, perpetuando o que Martín-Barbero (2000) chamou de ecossistemas comunicativos e buscando inseri-los nas instituições escolares.

Preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo— colegas, família, mídia —, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás (SARTORI, 2010, p. 46).

É através dessa junção de conhecimentos, promovida pela educomunicação, que se incentiva a formação crítica de cada indivíduo para com o mundo que o cerca, e a educação voltada para o caráter cidadão e humanista é, essencialmente, uma educação crítica, que apoie cada aluno a pensar, questionar e participar da sociedade em que vive.

A ilustração abaixo, do artista Márcio Baraldi para a obra Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento (CITELLI; COSTA, 2011, p. 14), exemplifica visualmente o papel chave da educação e da comunicação para a formação da cidadania ao compará-las às turbinas de um avião, responsáveis por mantê-lo no ar.

Figura 3 - Ilustração de Márcio Baraldi sobre as contribuições da educomunicação para a cidadania



Fonte: (CITELLI; COSTA, 2011, p. 14)

Paulino (2000) aponta a necessidade de levar em conta o sujeito e as relações sociais nos processos educativos para que este, através de sua experiência e senso crítico, consiga

identificar no conhecimento adquirido as diversas formas de construção de um mesmo discurso, aplicando o aprendizado escolar no seu dia a dia da maneira que ele melhor lhe for conveniente para a prática cidadã.

A constatação sobre a necessidade de transformar a educação num processo de libertação, de visão crítica da realidade, está associada à questão da cidadania, entendida não como um estado natural, mas uma conquista e compromisso histórico, com destaque para a participação no processo de decisões que são tomadas na construção de uma nação. (GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 33).

A educomunicação promove a inter-relação entre comunicação e educação justamente para que assim o aluno seja capaz de entender seu papel como formador de opinião e protagonista do próprio meio, e que ele não está somente à mercê do disparo de informações, mas sim é componente da interação sociocomunicativa a partir do momento que exercita seu ponto de vista acima do conhecimento que recebe.

Márcio Boraldi aborda o exercício da visão crítica na charge abaixo, que faz parte do livro Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento (CITELLI; COSTA, 2011, p. 46).

Figura 4 - Ilustração de Márcio Baraldi sobre o repasse de informações



Fonte: (CITELLI; COSTA, 2011, p. 46)

Porém, além de colaborar com a autopercepção do papel de cada um na sociedade, a prática educomunicativa propõe, sobretudo, que cada um consiga olhar para com quem divide

o espaço de ensino e reconhecer as contribuições e particularidades deste outro enquanto sujeito e cidadão, isto é, perceber que todo ambiente de aprendizado e comunicação é perpetuado através da coletividade e das trocas entre estes, e que a democracia mora justamente nas liberdades e distinções que cada um carrega consigo, sendo justamente elas as responsáveis por criar pontos de vista diferentes sobre uma mesma fonte de conhecimento ou disciplina, por exemplo.

É fundamental a percepção do espaço escolar como um campo abundante no que diz respeito às diferenças, sejam elas étnico-raciais, culturais, sociais, sejam de gênero, entre outras. A diferença não deve e não pode ser enxergada como um defeito, como algo a ser corrigido, mas sim como parte de um exercício importante de alteridade e tolerância. Respeitar a diversidade e a diferença é reconhecer o outro como parte integrante e necessária do (re)conhecimento da própria identidade. (LIMA, 2011, p. 57).

Figura 5 - Quadrinhos do personagem Armandinho, de Alexandre Beck



Fonte: Armandinho/Facebook

2.2 A influência de Paulo Freire

O educador e filósofo Paulo Freire, referenciado como um dos maiores nomes da pedagogia ao redor do mundo e considerado o Patrono da Educação Brasileira, é também um dos precursores das ideias que originaram a educomunicação. Freire e sua defesa a uma educação libertadora e democrática, que acessasse e estivesse presente em todos os espaços de

convívio social, foi de profunda influência para as discussões acerca da união entre comunicação e educação.

O educador brasileiro, mais do que inaugurar um pensamento dialógico, democrático e libertador na pedagogia nacional e latino-americana, transformou-se em um marco na história da Educação. Sua concepção de educação popular abalou as bases do ensino elitista vigente, repercutiu internacionalmente e produziu uma ruptura no percurso histórico da educação/comunicação. Ele apostava na educação por intermédio do audiovisual. Já na década de 60, a Conferência Nacional dos Bispos havia aprovado o uso da Telescola no Movimento de Educação de Base (MEB). Além disso, acreditava também na educação em outros espaços que não o da educação formal (SARTORI; SOARES, 2005, p. 9).

O autor defende a importância de uma inter-relação entre ambas as áreas em sua obra *Extensão ou comunicação*, onde estabelece que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado” (FREIRE, 1985, p. 46).

Mas as contribuições do educador ao tema não se limitam apenas a essa obra, sendo que em outro de seus mais célebres trabalhos, o livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2004) aborda justamente a necessidade de transformação da prática docente em sala de aula, na busca de alinhá-la a estimular autonomia de cada indivíduo na busca pelo conhecimento, visando uma educação que parta do interesse do aluno e seu engajamento com o saber apresentado a ele.

Nas palavras de Freire, o professor deve exercer a prática docente para que os alunos tenham autonomia para aprender sem pressões. Nas diferentes realidades educacionais, a prática docente deve procurar aguçar a curiosidade dos alunos principalmente por meio de pesquisas na troca de saberes. No ensino/aprendizagem por meio das atividades lúdicas, o conteúdo interage com os objetivos a serem trabalhados no momento oportuno. Na troca de saberes entre o professor e os educandos, estes constroem e reconstróem seus saberes desenvolvendo sua autonomia (CASTRO; MALAVASIM, 2017, p. 106).

Através de suas ideias transformadoras e revolucionárias para o ensino, Paulo Freire já desenhava o perfil do que viria a ser o profissional de educomunicação, o educador, isto é, um educador que levasse em consideração os processos comunicativos na mediação entre o aluno e o conhecimento.

2.3 O papel do educador

Em 2011, a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo inaugurou a sua primeira turma de Licenciatura em Educomunicação com 30 alunos em sala de aula, que buscavam a formação de educador, um conceito inovador no país até então. É o primeiro curso superior em território brasileiro a se dedicar à formação de licenciados para

atuar (1) no magistério, como professores de comunicação, (2) na área de consultoria - como assessores de projetos de comunicação educativa – e (3) como pesquisadores (MUNGIOLI; VIANA; RAMOS, 2018, p. 220).

Quando inserida nos espaços escolares e instituições de ensino, a figura do educador surge para mediar, como uma “balança”, a relação dos alunos com os dois saberes aos quais estão expostos: O saber escolar e o saber midiático (JACQUINOT, 1998).

Um, representado pela instituição tradicional que conhecemos como “escola” e sua metodologia de ensino formal, e o outro leva em consideração o peso dos meios de informação da sociedade e a comunicação em seu papel de influenciadora, principalmente através das mídias.

A teoria de Geneviève Jacquinot aponta como a diferença entre esses dois saberes interfere nas relações de aprendizagem, e mesmo que pareçam diretamente opostos, nenhum dos dois pode ser ignorado no processo de formação de um indivíduo.

Se os alunos manifestam numerosas aquisições graças aos meios, isso pode entrar em relação com os conhecimentos escolares, pelo menos se ajudarmos os alunos a exprimir, identificar, utilizar e enriquecer estes conhecimentos. Ainda mais que certos alunos, sobre certos temas, sabem mais do que seus pais e professores, e que se faz necessário valorizar todos os conhecimentos, seja lá de onde venham (JACQUINOT, 1998, p. 79).

O saber escolar é aquele pautado no patrimônio científico que a humanidade já carrega, ou seja, os campos de estudo já reconhecidos e estabelecidos em nossa formação acadêmica. Utiliza processos sistemáticos, como é possível identificar nos métodos avaliativos das escolas, por exemplo. É lógico, racional, atemporal e de fins cívicos para a formação da cidadania.

Já o saber midiático está muito mais relacionado aos meios de transmissão de comunicação, à informação e ao sensacionalismo, no sentido de despertar reações emotivas e efêmeras. A atualidade é o fator indispensável ao saber midiático, aquilo que acontece aqui e agora, sendo disseminado em grandes proporções através de mídias facilmente acessíveis para a maioria das pessoas, pois “os meios constituem um mundo aberto a todas as influências exteriores, falam de tudo da mesma maneira e abordam todos os registros da cultura. É por isso que eles convêm a todos, mesmo que todos não pensem da mesma forma” (JACQUINOT, 1998, p. 3).

A origem socio-cultural de cada aluno está diretamente relacionada com a quantidade de cada saber que ele recebeu ao longo de sua criação, e nivelar essas multirealidades é uma das principais dificuldades do sistema de ensino padrão.

O profissional educomunicador surge nesse cenário não somente como auxílio para o discente e a instituição de ensino, mas é responsável pela ponte entre os conhecimentos prévios que os alunos já carregam consigo e o saber acadêmico que precisa ser transmitido aos estudantes de acordo com a etapa acadêmica na qual se encontra, seguindo o previsto na BNCC, mas que através da educomunicação é feito sem ignorar as vivências já adquiridas por cada um dentro de sua própria realidade e meio social. Uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações (SOARES, 2011, p. 8).

Dessa maneira, a educomunicação propõe balancear os dois saberes dentro do ambiente escolar e aproveitar de cada um deles seus pontos mais fortes para a formação do indivíduo, através de uma troca de conhecimentos e experiências entre educador e educando, dispensando a ideia de que o professor é o único detentor de todo saber e aproveitando o saber-informacional particular de cada aluno como uma contribuição tão importante quanto o estudo teórico-disciplinar já tradicional nos ambientes regulares de ensino.

Neste cenário, o papel do educomunicador é também relacionar os “micro-saberes” de cada aluno e identificar o potencial pessoal daquele indivíduo. Assim, o educomunicador usufrui de sua dupla função teórica para analisar o que a ciência da educação e a ciência da comunicação possuem de mais valioso em prol de seu maior objetivo: Proporcionar uma aprendizagem mais equitativa e eficaz, voltada para uma formação cidadã e humanista.

Se quisermos formar cidadãos conscientes, personalidades bem desenvolvidas, pessoas íntegras, temos que repensar toda a estrutura escolar, com a preocupação de dar significado à vivência dos alunos nas atividades curriculares e extracurriculares: temos que rever nosso currículo, quanto a prioridade dos conteúdos e da metodologia utilizada, visando possibilitar a formação de conceitos e atitudes pelos alunos, temos que propiciar a auto-avaliação e a avaliação em grupos, para permitir a conscientização e o compromisso pessoal (ANDRADE, 1998, p. 119).

2.4 Educação midiática e mídia-educação

Nas últimas décadas, fatores como a globalização, a expansão da cibercultura e a popularização das redes sociais inseriu as tecnologias online e o ambiente virtual no cotidiano das pessoas. Uma vez que os próprios meios de comunicação passaram por fortes transformações neste período, do analógico à ascensão do digital, a relação das pessoas com a mídia e a maneira de se consumir informação também foram afetadas.

Vivemos um tempo em que a mídia se torna terreno fecundo para problematizar as políticas de identidade, sobretudo da identidade jovem, na medida em que o jovem é apontado como fonte de inúmeros problemas sociais
— sexualidades fora de controle, drogadição, desemprego, violência — e,

paradoxalmente, fonte para a solução das dificuldades que o País enfrenta (SCHMIDT, 2010, p. 198).

Essa integração do virtual com a realidade e a invenção de tecnologias e ferramentas que possibilitariam tal cenário foi prevista ainda nas décadas de 1960 e 70 por Marshall McLuhan (1911-1980), um dos autores mais referenciados no ramo da tecnologia e comunicação, pai da teoria de que “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1964), onde ele aponta justamente que a maneira como uma informação é transmitida, isto é, a ferramenta ou mecanismo que conecta e faz a mediação entre transmissor e receptor, importa tanto quanto — ou até mais que — a mensagem em si. McLuhan não apenas profetizou a realidade virtual, muito antes dela ter sido inventada, com a ideia de “meios de comunicação como extensão dos sentidos humanos”, como previu também grandes mudanças na educação (BELLONI, 2012, p. 14).

O surgimento e aprimoramento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nos últimos anos retomaram as discussões sobre a importância de debater o uso e impacto destas ferramentas nos espaços coletivos, sobretudo nas instituições de ensino, e encará-las como mecanismos de potencial socioeducativo. “Podemos dizer, em primeira aproximação, que as TIC são o resultado da função de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas” (BELLONI, 2012, p. 21).

A mídia-educação é uma das múltiplas extensões e possibilidades sugeridas pela educomunicação, sendo que esta propõe a inserção de recursos naturais aos ambientes midiáticos e aparelhos de mídia dentro de espaços de aprendizagem, não apenas como ferramentas de suporte ao conhecimento adquirido em sala de aula, mas também alternativa metodológica para aproximar o aluno com as tecnologias digitais que já o cercam no seu dia a dia.

As mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, como também são uma arena central na construção da inteligibilidade do mundo, o que mostra a importância das mediações culturais e pedagógicas ao processo. Nesse sentido, faz-se necessário conceber e apoiar novas formas de apropriação das práticas sociais de leitura e escrita, promovidas sobretudo com o acesso à cultura digital (FANTIN; GIRARDELLO, 2010, p. 79).

É possível realizar a integralização da mídia-educação em ao menos três principais vieses do processo de aprendizagem midiática, seja através de: uma educação para as mídias, que priorize ensinar ao aluno questões relacionadas ao uso consciente dos recursos midiáticos e combate às fake news, por exemplo; sobre as mídias, no caso de pesquisas acerca dos meios de telecomunicação, o funcionamento e impactos destes; e usando as mídias, com a implantação de oficinas de rádio, TV, fanzine, laboratórios de jornal impresso e digital, etc.

A mídia-educação pode ser entendida como um caminho para a “cidadania instrumental e de pertencimento” (FANTIN, 2011, p. 28), voltada para uma produção midiática que, ao considerar a educação como componente ativo de seu processo, colabore para a formação do senso crítico de cada indivíduo e permita que este exercite sua participação enquanto integrante da sociedade que o cerca, assim colocando em prática os valores da educomunicação.

3 EDUCAÇÃO, COMUNIDADE E JUVENTUDE

Sendo um dos pilares da educomunicação justamente a ideia de integrar as experiências do ensino escolar com as vivências particulares de cada indivíduo na comunidade onde ele está inserido, é preciso então entender as relações entre saber e comunidade e como ela impacta no desenvolvimento e formação de cada um enquanto cidadão.

3.1 Escola, família e comunidade: Uma relação para a cidadania

Jovchelovitch (2004) aponta que a relação entre comunidade e conhecimento é intrínseca, ou seja, ambos os conceitos são mutuamente dependentes entre si. A autora explica que a concretização do saber e a maneira como ele é passado para frente depende de fatores sociais e processos humanos característicos do meio de onde tal conhecimento advém, isto é, a comunidade ao qual ele está vinculada e suas práticas, e sendo a sociedade plural em culturas e comportamentos, o saber também é diverso e multifacetado.

[...] o saber é sempre obra de uma comunidade humana e, portanto, deve ser entendido no plural. Não há uma forma de saber apenas, mas muitas. Essa variação corresponde à variação nas formas de relação social que constituem tanto o saber como a comunidade (JOVCHELOVITCH, 2004, p. 28).

Nesse sentido, a comunidade pode ser entendida também como um ambiente de troca de conhecimento, isto é, perpetuação de diferentes saberes e de várias vertentes da vida do indivíduo. Assim, segundo Sousa e Sarmiento (2010), a integração entre o ambiente regular de ensino com o seio familiar do aluno, e a comunidade onde a escola está inserida, é benéfica enquanto meio para promover um pleno desenvolvimento enquanto cidadão e agente ativo na sociedade.

[...] Assim se compreende que a escola não poderá desempenhar verdadeiramente o seu papel se não puder contar com o apoio da família. É esta quem melhor conhece as potencialidades, as características específicas de cada aluno, sendo, por isso, o actor mais bem colocado para subvencionar a escola e os professores de informações fundamentais para o desenvolvimento de projectos e estratégias mais adequadas, continuando os pais a ser os primeiros, permanentes e mais importantes professores das crianças. O sucesso educativo das crianças e jovens está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum (SOUSA; SARMENTO, 2010, p. 148).

Uma vez compreendida a influência da comunidade e do meio na absorção de saberes dentro e fora da escola, é preciso esclarecer o porquê dos jovens serem o centro das discussões envolvendo mobilização social e protagonismo cidadão.

Para Tomizaki e Daniliauskas (2018), é durante a juventude que se estabelece um choque entre os valores familiares, culturais e da criação do indivíduo com as novas experiências às quais este mesmo é exposto, seja nas relações interpessoais construídas nesta fase da vida ou nos questionamentos acerca das estruturas macrossociais que o cerca, como as instituições vigentes que afetam de alguma forma o seu cotidiano.

Dito de outra forma, os jovens estariam em um momento no qual a influência familiar pode ser relativizada, em função do desejo de integração a outras esferas da vida social, tais como o grupo de pares, a escola, o trabalho, o matrimônio, e isso se desdobra em novos aprendizados e processos de ressocialização. O estudo das relações entre juventude e política exige que se lance luz sobre os efeitos de diferentes processos e instâncias educativas (família, escola, Igreja, redes associativas, trabalho), tendo em vista compreender qual seria seu peso sobre o desenvolvimento das posições e das ações políticas dos jovens. (TOMIZAKI; DANILIAUSKAS, 2018, p. 217)

Leão, Dayrell e Reis (2011) consideram justamente as macroestruturas responsáveis por definir o nível de acesso dos jovens às oportunidades, assim como são elas que influenciam na conjuntura social e comportamental ao qual cada indivíduo é exposto.

Pois, nesta concepção, é durante a juventude que se inicia a construção de uma identidade cidadã de cada indivíduo, uma vez que este começa a desenvolver com mais afinco o seu senso crítico e a buscar o seu espaço dentro da comunidade onde está inserido, a depender, claro, destas oportunidades que são, ou não, colocadas ao seu alcance.

O debate acerca das concepções com relação à juventude e à adolescência é essencial, pois a partir delas serão retratadas e interpretadas suas formas de ser e estar no mundo e, além disso, a maneira como a sociedade se organiza na atenção a essas fases da vida, especialmente o modo como são configurados os direitos e os deveres dos adolescentes e dos jovens e quais são as ações sociais e políticas reivindicadas (LOPES *et al.*, 2008, p. 65).

Neste momento marcado pela percepção do seu papel na sociedade onde está inserido e da formação do próprio senso crítico, o jovem naturalmente busca por locais, grupos e meios onde se sinta acolhido através de uma identificação e traço de similaridade comum entre os indivíduos ali presentes, seja pelas ideias que compartilham ou um hábito ou hobby, e desta maneira exercita, mesmo que inconscientemente, a cidadania ao buscar espaços de trocas e vivências sociais.

Objeto de investigação de vários saberes, como a sociologia e a psicologia, o direito também possui uma trajetória que vai da compreensão de “juventude perigosa” à categoria “juventude sujeito de direitos”. Considerando que cada vez mais a juventude se mobiliza em torno de coletivos, essas expressões agregam em torno de si reivindicações que dão uma noção de quão multifacetada é a juventude brasileira e suas formas de expressão (MAIA, 2013, p. 59)

Também considera-se os avanços da tecnologia e a presença digital, sobretudo dos jovens, nas redes sociais e fóruns de discussão online como influência para o levantamento e mobilização social da juventude.

Para compreensão plena do assunto, é preciso entender de que maneira se estabelece tal relação entre a participação coletiva da juventude e a construção de um meio de promoção da cidadania e incentivo ao diálogo através das ferramentas digitais, o que é explicado por Sousa e Gobbi (2014):

A juventude, da era digital, caracteriza-se por ter um comportamento diferente das gerações anteriores. A assimilação da tecnologia é muito mais rápida, o conhecimento de ferramentas que auxiliam o processo comunicativo e o próprio consumo de bens culturais online são padrões típicos. A interatividade é realidade; a necessidade de participar ativamente do processo de produção e de difusão ganha espaço. A preferência pelos meios online e a busca por outros tipos de produtores culturais renovam as práticas do campo (SOUSA; GOBBI, 2014, p. 143).

Isso porque uma vez ocupado principalmente pela juventude, o ambiente virtual passa a ser palco de temas socialmente relevantes durante períodos recentes de crises sócio-políticas globais, como o aquecimento global e levantes de manifestações contrárias ao preconceito racial. sendo utilizado inclusive como um canal de integração entre indivíduos que se sentem impulsionados pelo debate digital à participar também presencialmente das discussões acerca do contexto atual da sociedade.

Rothberg, Luvizotto e Vanzini (2014, p. 231) apontam que dentro deste cenário, as redes sociais se tornam elementos constitutivos de determinadas demandas e corroboram o discurso dos movimentos sociais, o que torna a colaboração em uma dessas redes um fator de fortalecimento para a criação de vínculos e sentimentos de pertencimento entre os seus membros constituintes.

As passeatas organizadas utilizando as redes sociais demonstram a força da comunicação midiática e de um novo fenômeno de conversação, no qual a tecnologia auxilia a tomada de decisões e a dissipação de informações, paralelamente às grandes mídias, demonstrando também um amadurecimento da população diante das novas tecnologias, agora como fator de união, e não mais apenas como um imenso diário da vida cotidiana. (BERNARDINI; GOBBI, 2014, p. 114).

4 VIRAÇÃO: ESTUDO DE UMA INICIATIVA DE EDUCOMUNICAÇÃO

O alvo deste estudo de caso é o trabalho desenvolvido pela Viração, uma organização social sem fins lucrativos que promove iniciativas de educomunicação e mobilização social com jovens de todo o Brasil desde 2003.

Neste trabalho foram consultados os materiais digitais e as ações socioeducativas promovidas pela Viração, com o objetivo de compreender de que maneira dinâmicas sociais ativas de educomunicação tem engajado a juventude brasileira e quais são os resultados obtidos destas iniciativas.

Para além disto, também será descrito neste capítulo todo o processo ao longo deste trabalho até a escolha da Viração Educomunicação como objeto de estudo, esclarecendo assim as informações catalogadas ao longo da etapa de pesquisa exploratória que justificam, por fim, a temática e formato desta análise.

4.1 Pesquisa exploratória: primeiras considerações e dificuldades

Este trabalho tem como objetivo macro encontrar uma maneira de compreender meios de impacto da educomunicação na juventude brasileira.

A etapa de pesquisa exploratória deste estudo se iniciou em abril de 2022, através de buscas primárias em sites da internet, como o Google, dos termos “projetos de educomunicação” e “jornalismo comunitário”. Através destas palavras-chave, foram exibidas páginas com diferentes iniciativas desenvolvidas em todo o Brasil, e assim nasceu a necessidade de buscar um recorte para filtrar os resultados e torná-los mais viáveis para o estudo.

Desta forma, foram então estabelecidos três critérios de seleção: regionalidade, público-alvo e atuação. A região escolhida foi o Sudeste brasileiro, após um levantamento de informações apontar uma concentração de coletivos voltados para a juventude nestes estados, o que já se conectava justamente com os dois critérios anteriores: inicialmente, o público-alvo se tratava especificamente de jovens em situação de vulnerabilidade social e estudantes de escola pública, na faixa etária dos 15 aos 24 anos, enquanto a atuação estava restrita à coletivos com foco em desenvolver ações de comunicação e jornalismo nestes espaços.

A partir de uma pesquisa minuciosa em sites e páginas das redes sociais, os coletivos selecionados foram o ArquePerifa, de São Paulo; O Coletivo Papo Reto, do Rio de Janeiro; e A Oficina de Imagens, em Minas Gerais. Estes três projetos foram escolhidos por serem desenvolvidos em periferias e/ou escolas públicas dos locais onde estão alocados, e

dentro da proposta particular de cada um, estabelecem um contato dos jovens com a produção midiática e jornalismo voltado para a comunidade que os cerca.

Contudo, conforme a base teórica desta monografia era escrita, paralelamente a isto foi tentado o contato com cada um destes coletivos através dos e-mails registrados nas redes sociais oficiais destes mesmo, sendo a mensagem enviada em junho de 2022. Mas, até agosto de 2022, para a execução do estudo de caso descrito neste terceiro e último capítulo, não foi obtida resposta de nenhum dos coletivos aqui citados, e qualquer demora impactaria nos prazos estipulados para a realização e entrega desta análise.

Tal imprevisto demandou uma nova pesquisa exploratória, mas desta vez com um recorte mais amplo e que possibilitasse uma melhor acessibilidade às informações necessárias para o estudo: Descartando limitações regionais e expandindo para além de um único formato de intervenção social, o novo critério utilizado para esse estudo foi a quantidade e a qualidade de materiais e ações voltadas para jovens brasileiros disponíveis na internet, de forma que fosse possível realizar uma análise mais profunda dos resultados e produtos obtidos de iniciativas educacionais independentemente de um contato direto com gestores e colaboradores da organização em si.

Dentro deste novo espectro, a Viração foi enfim selecionada justamente por ser uma das organizações voltadas para educação e mobilização social mais consolidadas do Brasil, com um vasto portfólio de ações e materiais produzidos por jovens e que estão disponíveis para acesso livre em diferentes plataformas digitais.

A Viração também se destacou pela expansão internacional dos seus projetos, que já impactaram ao todo mais de 100 mil adolescentes e jovens ao redor do mundo. Contudo, vale ressaltar que este estudo irá se ater à atuação em solo nacional da organização, e por isso serão analisados apenas os materiais em língua portuguesa e ações desenvolvidas no Brasil, com jovens brasileiros.

A Viração Educação foi contatada através do seu canal oficial de e-mail, e a sua equipe autorizou a confecção deste estudo e se mostrou solícita à contribuir com os dados que aqui constam, sendo esta análise baseada em informações que estão disponíveis de maneira pública nas redes sociais da organização.

4.2 Viração: Uma educação para os direitos humanos

A Viração é uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos, fundada em março de 2003 pelo jornalista Paulo Pereira Lima, que desenvolve ações e projetos voltados

para o engajamento de adolescentes e jovens, promovendo iniciativas que se encaixam de alguma maneira, conectada ou distintamente, sob um dos seus três eixos de atuação:

- Educação
- Comunicação
- Mobilização

4.3 Materiais e iniciativas

Ao longo destes 18 anos de atuação, a Viração construiu um vasto portfólio de programas e iniciativas educacionais, se consolidando como uma das organizações mais referenciadas em solo brasileiro, com uma produção expansiva de materiais e produtos advindos da mobilização de adolescentes e jovens. Contudo, aqui serão listados e analisados os seus principais projetos e que permanecem ativos no Brasil no momento da execução deste estudo, sendo eles:

1. A [Revista Viração](#), publicação distribuída de maneira impressa e digital e produzida por adolescentes e jovens de todo o Brasil, através da mediação da Viração e com temáticas relevantes para a sociedade (VIRAÇÃO..., 2022)
2. A [Agência Jovem de Notícias](#) (AJN), um espaço multimídia onde os jovens têm contato com a produção jornalística através do desenvolvimento de pautas e questões da atualidade para uma plataforma independente de notícias. Além do portal online, a Viração também promove encontros presenciais para debates e troca de experiências que estimulam jovens a se enxergarem como comunicadores. Através da AJN, nasceram também outros produtos de educação midiática da Viração, como o podcast Jovens Comunicadores. (AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS, 2005)
3. A [U-Report](#) é uma ferramenta de chatbot, ou seja, um robô virtual desenvolvido pela Viração e financiado pela UNICEF que busca, filtra e distribui informações e dados relacionados a direitos humanos e outros temas sociais na internet, que são posteriormente usados para a elaboração de projetos e conteúdos voltados para a juventude. (U-REPORT BRASIL, 2015)

Além destes projetos, a Viração apoia uma série de outras iniciativas vinculadas à Educomunicação e já promoveu diversas outras ações e eventos pontuais em 13 estados brasileiros e Distrito Federal.

Não obstante, a organização também disponibiliza ao público produções temáticas que não necessariamente possuem um caráter de periodicidade, mas que podem ser usados como materiais de apoio para familiares, professores e orientadores interessados em desenvolver dinâmicas socioeducacionais com os adolescentes e jovens que os cercam.

O portfólio completo da Viração, assim como os relatórios anuais de suas atividades, estão disponíveis gratuitamente no perfil mantido pela organização na plataforma online de publicação (VIRAÇÃO, 2022).

Além disso, a Viração também possui contas nas principais redes sociais, que são usadas para divulgação das dinâmicas promovidas pela organização e também para a distribuição de conteúdo de cunho educacional e engajamento entre os jovens, colaboradores e demais integrantes envolvidos nos projetos.

4.4 Roteiro das análises

Para nivelamento das análises aqui apresentadas, foram estabelecidos seis critérios padronizados para a avaliação dos quatro projetos da Viração: a) público-alvo; b) formato; c) periodicidade; d) número de edições; e) desenvolvimento e f) amostra do produto.

Este roteiro foi desenvolvido visando ressaltar as características prioritárias e informações de destaque de cada um dos objetos da análise, levando em consideração as distinções e similaridades entre os mesmos, com o objetivo de compreender de que maneira eles impulsionam os ideais de mobilização social promovidos pela Viração Educomunicação.

A categoria público-alvo, é destinada a analisar para quem aquele projeto e/ou material é visado, pensando identificar o perfil de pessoa que a Viração Educomunicação busca impactar com aquele produto, como sua idade, grupo social, escolaridade e perfil socioeconômicos. O formato se trata do veículo que contém aquele conteúdo, ou seja, o tipo de material ou produto utilizado para a execução e distribuição do resultado daquele projeto e, se for o caso, de que maneira ele pode ser acessado. A periodicidade descreve de quanto em quanto tempo ele ocorre e se há ou não um padrão ou condicionante de constância entre uma edição e outra. O número de edições busca identificar a quantidade de materiais, peças e similares já produzidos e disponibilizados através daquele projeto. A categoria de desenvolvimento tem

como objetivo entender a etapa de produção de cada produto, analisando as informações disponíveis sobre quem está envolvido na sua elaboração, como ele acontece na prática e demais características particulares deste processo. Por último, a amostra tem como finalidade incluir nesta análise ao menos um exemplo imagético de cada produto, usando o recurso gráfico como facilitador para a compreensão da aparência visual que os resultados de cada projeto possuem.

Estes critérios foram escolhidos pois estabelecem os pontos principais vinculados aos aspectos técnicos de qualquer veículo de informação e aqueles essenciais para a compreensão do processo operacional que origina o material final.

5 REVISTA VIRANÇA

A Revista Virança foi o primeiro projeto desenvolvido pela Virança Educomunicação, e veio a se tornar também a iniciativa principal e mais popular da organização sem fins lucrativos, que recebe apoio institucional de órgãos internacionais como as Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), desde a publicação da sua primeira edição, no ano de 2003.

5.1 Público-alvo

A Revista Virança tem como objetivo impactar e mobilizar o público-alvo de jovens brasileiros, que incluem indivíduos de 15 a 24 anos, através de pautas ligadas à educação, cultura, sociedade e mídia que estejam em alta entre esta faixa etária.

5.2 Formato

A Revista Virança é produzida, publicada e distribuída tanto no formato impresso quanto no digital. A versão impressa do material é enviada gratuitamente via serviço postal para as residências dos assinantes, que só precisam realizar o preenchimento de um cadastro para o recebimento do periódico, disponível no site e redes sociais oficiais da organização. Já no formato digital, as edições são disponibilizadas também de maneira gratuita no perfil oficial da Virança Educomunicação com o portfólio completo pode ser acessado através do link: <https://issuu.com/viracao>. (VIRANÇA, 2022).

5.3 Periodicidade

Desde 2015, a periodicidade da Revista Virança é semestral, ou seja, uma nova edição é publicada a cada seis meses. Mas, nos anos anteriores, a recorrência das publicações era realizada de maneira flexível e indeterminada por conta do modo que o processo de produção do material ocorre, que durante certo período chegou a alcançar uma escala que permitia a publicação mensal de edições inéditas.

5.4 Número de edições

Até o momento, 118 edições da Revista Viração já foram publicadas, sendo que a contagem dos materiais inicia a partir do zero e vai até a mais recente, que é a de nº 117.

5.5 Desenvolvimento

O desenvolvimento da Revista Viração acontece numa metodologia colaborativa através de conselhos editoriais que reúnem jovens mobilizadores, chamados de “virajovens”, pertencentes a escolas públicas e privadas, núcleos de instrução e coletivos de 11 estados e o distrito federal do Brasil, com o intuito de proporcionar a pluralidade de conteúdos e conectar o jovens de diferentes realidades e comunidades com um mesmo projeto. A logística desta produção só é possível graças a entidades e grupos que viabilizam que estes conselhos editoriais ocorram em cada um dos locais do Brasil onde os virajovens estão presentes, e tudo é oficializado através de um termo de compromisso entre a Viração Educomunicação e a organização em questão. Através de oficinas de produção, estes jovens podem levantar pautas e produzi-las para serem posteriormente publicadas em uma das edições da Revista Viração, que reconhece a autoria dos mesmos constando em cada matéria o nome e a cidade de quem a escreveu, além de listá-los no rodapé do sumário. A Revista Viração é um projeto autossustentável, ou seja, que cobre os seus próprios custos de produção e publicação.

Os cinco últimos temas trabalhados pela Revista Viração foram: [Manifesto Antirracista](#) (2020), [Literatura e Direitos Humanos](#) (2020), [Corpos Jovens nos Espaços Sociais](#) (2019), [Juventudes Plurais](#) (2019) e [Juventude e Internet](#) (2018).

5.6 Amostra

As figuras abaixo (6 e 7) são reproduções da capa e do editorial da edição de número 117 da Revista Viração, publicada no 2º semestre de 2020 e intitulada como “Manifesto Antirracista” por todos os seus conteúdos estarem segmentados em temáticas que se relacionam de alguma maneira à pauta racial e o combate ao racismo na sociedade.

Figura 5 - Capa da edição nº 117 da Revista Viração, com o tema “Manifesto Antirracista”



Fonte: Revista Viração/foto de Julia Cavalcante

Figura 6 - Editorial da edição “Manifesto Antirracista”, publicação de nº 117 da Revista Viração

EDITORIAL

BEL SANTOS MAYER*



Copie sem moderação! Você pode:

- Copiar e distribuir
- Criar obras derivadas

Basta dar o crédito para a Viração!

CONTRA O RACISMO, O ANTIRRACISMO!

O convite para escrever este editorial não me pegou de surpresa. E não digo isto pela vaidade de ser uma das “tias da Vira”. É que o convite chegou um dia após ter participado de um encontro com duas jovens negras candidatas a vereadoras. Na sala virtual lotada de pessoas brancas e negras o assunto eram pautas antirracistas. Neste dia compartilhei cinco editais para estudantes negrEs. Pensei: é hora de posicionar-se! Sabia que a Viração mandaria seu recado.

Há pouco mais de 132 anos, um projeto de desumanização combinando violências, ciências e religião, manteve escravizada a população africana e afrodescendente que vivia no Brasil. Um conjunto de leis como a Lei Áurea (1888) tratou de impedir e dificultar a participação negra na sociedade brasileira. Muita gente quis achar, por ingenuidade ou conveniência, que os 300 anos vividos sob açoites, violações de direitos e ataques ao quilombamentos seriam diluídos em boas intenções brancas e esforços individuais negros. E outra vez, combinações de violências, ciências e religião tentaram enterrar o assunto vivo. O genocídio da juventude negra e outros dados “desenham” para quem quiser saber.

Tentaram nos destruir. Conseguiram? Não! Seguimos lutando em todas as áreas, inclusive criando leis como a Lei 10.639/2003 de inclusão da História e Cultura da África e dos Afro-brasileiros nos currículos, para corrigir a invisibilidade que nos foi imposta. São séculos de lutas, estratégias, ações, enganos e acertos até este tempo em que não é mais possível um debate sério de enfrentamento ao racismo sem atitudes efetivas.

Esse memorial honra todEs que vieram antes de nós e resistiram para que nossa história e dignidade fossem (re)conhecidas. Cada seção nos convoca a seguir lutando. Vamos?! Como escreveu Conceição Evaristo: “É tempo de formar novos quilombos!” porque “a liberdade é uma luta constante”.

QUEM SOMOS

A Viração é uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos, criada em março de 2003, que atua nas áreas de educomunicação, juventudes e direitos humanos.

Recebe apoio institucional do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), da Ashoka Empreendedores Sociais e do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Além de produzir a revista, a Viração oferece cursos e oficinas em educomunicação, Direitos Humanos, gênero e sexualidade e meio ambiente em escolas, grupos e comunidades em todo o Brasil.

Para a produção da revista, contamos com a participação dos conselhos editoriais jovens de diferentes estados, que reúnem representantes de escolas públicas e particulares, projetos e movimentos sociais. Entre os prêmios conquistados nesses dezessete anos, estão o Prêmio Cidadania Mundial, concedido pela Comunidade Bahá'í; o Prêmio Don Mario Pasini Comunicatore, em Roma (Itália) e o Prêmio Internacional de Educomunicação, concedido pela União Católica Internacional de Imprensa.

Paulo Pereira Lima
Diretor Executivo da Viração

* Coordenadora do Ibeac e co-gestora da Rede Litera Sampa.



Apoio Institucional







Fonte: Revista Viração/Autoria: Bel Santos Mayer e Paulo Pereira Lima

6 AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS

A Agência Jovem de Notícias é um portal de jornalismo independente que produz pautas vinculadas às temáticas de mobilização social e educomunicação e realiza a cobertura de eventos destes mesmos segmentos. Criado e gerenciado pela Viração Educomunicação desde 2005, o projeto foi fundado durante a edição deste mesmo ano do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, e atualmente já está presente em quatro nações: Brasil, Argentina, Colômbia e Itália, com conteúdos produzidos também em quatro idiomas, sendo estes o português, o inglês, o espanhol e o italiano (Agência Jovem de Notícias, 2005).

6.1 Público-alvo

A Agência Jovem de Notícias se intitula como “um portal feito por e para adolescentes e jovens do Brasil e do mundo” (AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS, 2005), ou seja, seu público-alvo predominante são pessoas dentro da faixa etária da adolescência, de 13 a 18 anos, e da juventude, com idade de 15 a 24 anos.

6.2 Formato

A Agência Jovem de Notícias é um projeto multimídia, ou seja, que produz mais de um tipo de produto midiático e está presente em diferentes plataformas digitais. Seu principal canal é o site <https://agenciajovem.org/>, que funciona como portal de publicação das matérias e coberturas, além de servir como arquivo para integrar todos os materiais produzidos pelos jovens que integram a Agência Jovem de Notícias. O segundo formato de produto explorado pela Agência Jovem de Notícias são os Podcasts AJN, disponíveis na plataforma de streaming Spotify através do perfil Jovens Comunicadores, que além dos episódios vinculados à agência de jornalismo independente, integra também todas as produções de áudio desenvolvidas durante oficinas promovidas pela Viração Educomunicação. E, por fim, a Agência Jovem de Notícias produz conteúdo via textos, imagens, artes digitais e vídeos para as principais redes sociais, mantendo perfis no Instagram, LinkedIn, Twitter e Facebook.

6.3 Periodicidade

A recorrência dos produtos da Agência Jovem de Notícias é constante e variável de acordo com a produção das pautas e publicação de matérias no portal da Agência.

6.4 Número de edições

Por não se tratar de um projeto episódico, e sim com o caráter constante da produção jornalística, este critério não se torna aplicável.

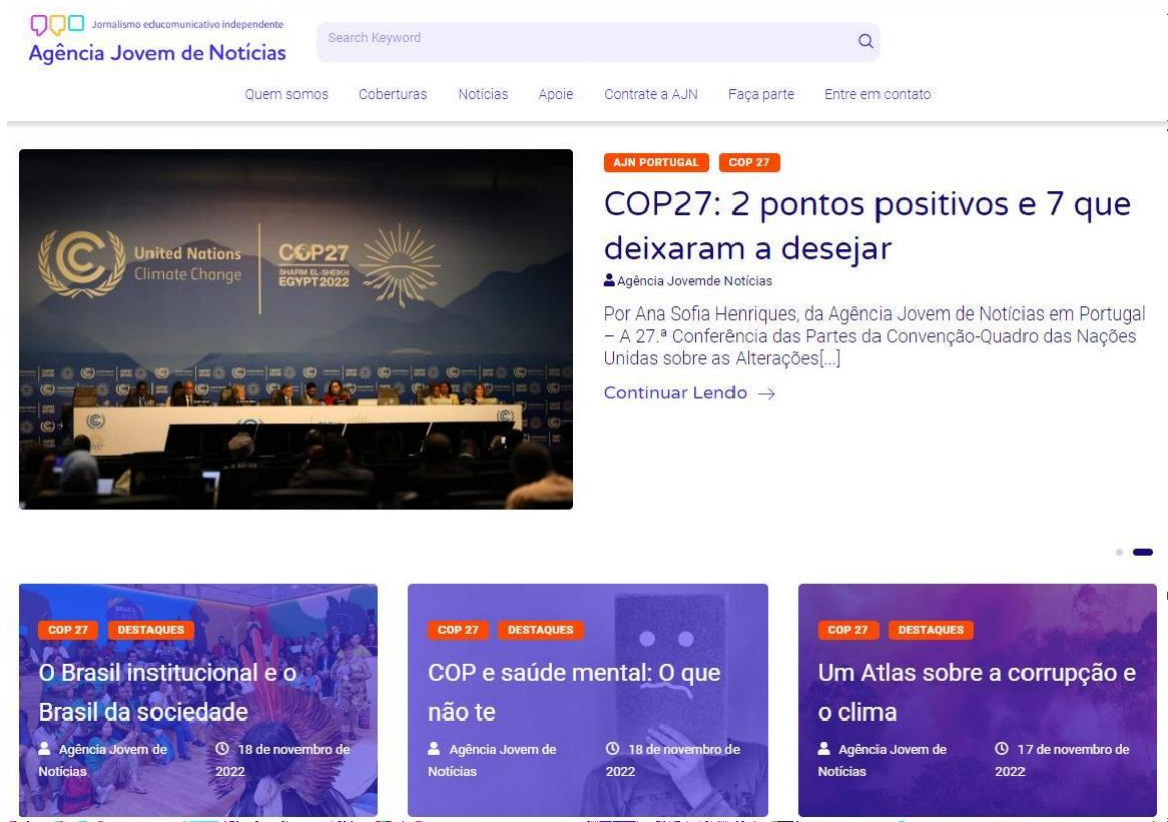
6.5 Desenvolvimento

A escolha das pautas e a produção das notícias para a Agência Jovem de Notícias é desenvolvida quase que em totalidade por jovens voluntários, chamados de correspondentes, e que estão vinculados a instituições educativas regionais, centros sociopopulares e/ou núcleos mediados por professores, educadores e/ou educadores que ficam responsáveis pela conexão entre a AJN e estes jovens. Eventualmente, colunistas convidados produzem artigos periódicos para a editoria de Opinião do portal da Agência Jovem de Notícias. As coberturas educacionais de eventos também são realizadas pelos jovens, que recebem uma orientação e formação prévia para então realizarem a cobertura midiática e informacional através de diferentes linguagens de comunicação, que posteriormente se tornam conteúdo para publicação na AJN.

6.6 Amostra

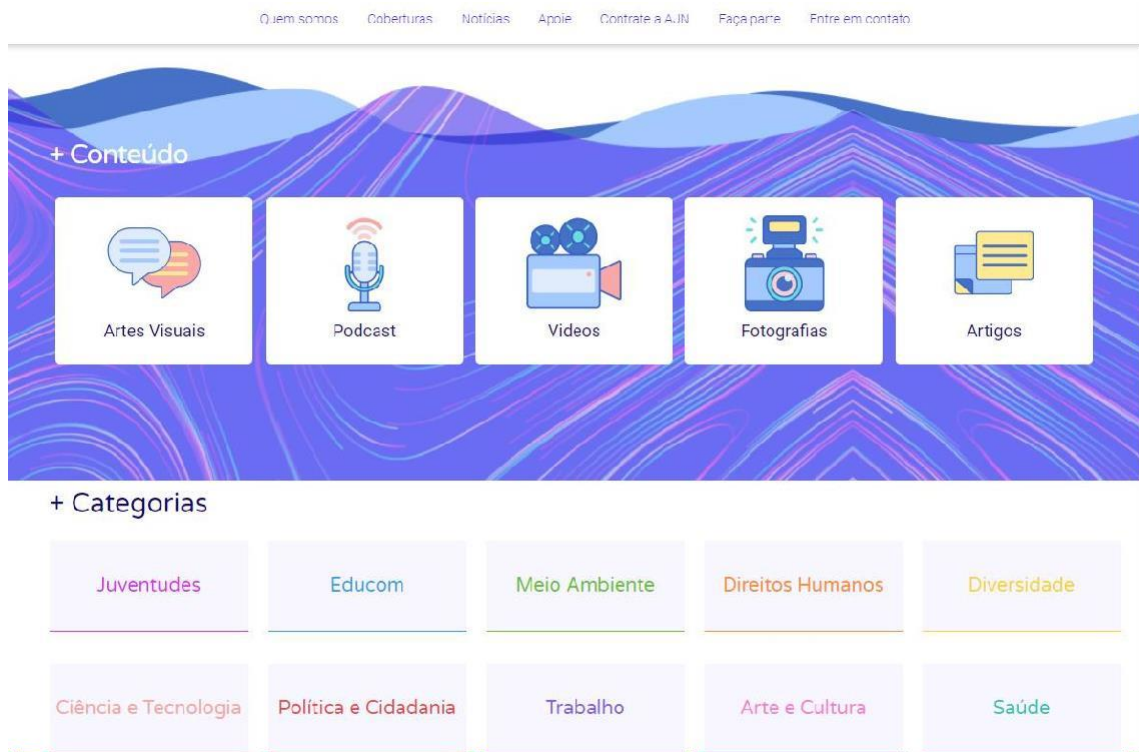
As imagens a seguir são reproduções do site da Agência Jovem de Notícias, sendo que as figuras 8 e 9 são prints da página inicial do portal de notícias, onde estão em destaque as últimas matérias publicadas, as editoriais e produtos da AJN, vinculados ao link que leva à página da web.

Figura 8 - Página inicial do portal de notícias da Agência Jovem de Notícias (1/2)



Fonte: Agência Jovem de Notícias

Figura 9 - Página inicial do portal de notícias da Agência Jovem de Notícias (2/2)



Fonte: Agência Jovem de Notícias

Já a figura (10) ilustra o layout que uma matéria publicada no portal da AJN possui, e está aqui inserida para fins de representar o trabalho realizado pela Agência Jovem de Notícias.

Figura 10 - Exemplo de matéria produzida pela Agência Jovem de Notícias



Quem somos Coberturas Notícias Apoiar Contrate a AJN Faça parte Entre em contato

COP27: 2 pontos positivos e 7 que deixaram a desejar

COP 27 Agência Jovem De Notícias 28 de novembro de 2022 0 12

12 minutes read

Por Ana Sofia Henriques, da Agência Jovem de Notícias em Portugal

—

A 27.ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas, designada por COP27, decorreu nas últimas duas semanas, em Sharm el-Sheikh, no Egito.

Esta COP, como as anteriores, está envolta num sentimento de frustração e ineficácia geral. Parece importante resumir o que está a correr mal na Conferência e os poucos pontos positivos que se podem destacar.

Por um lado, ao ser realizada no Egito, permitiu uma maior participação de jovens e ativistas africanos. A COP não se realizava em África desde 2016, quando Marrocos organizou o evento. Considera-se que seria a oportunidade ideal para colocar a lupa nas questões ambientais em África, cuja população será das mais afetadas pelas alterações climáticas. Esta maior acessibilidade permitiu que milhares de ambientalistas africanos, entre eles jovens ativistas e jovens indígenas, participassem na Conferência, o que é um ponto bastante positivo a destacar.

+ Tags

- 9CNDCA
- Adolescente
- Adolescentes
- Aids
- Arte
- artigo
- Cinema
- Ciência
- Comunicação
- Conferência
- COP
- COP18
- COP19
- COP26
- coronavirus
- Criança
- Crise Climática
- Cultura
- Cúpula dos Povos
- Direitos
- Direitos Humanos
- Doha
- ECA
- educação
- Educomunicação
- Internet
- Jovens
- Juventude
- Juventudes
- Maranhão
- Melo Ambiente
- Mudanças Climáticas
- ONU
- Políticas Públicas
- Qatar
- Racismo
- Rio+20
- Rio de Janeiro
- SBPC
- Sesc
- sustentabilidade
- São Paulo
- Teatro
- Unicef
- Viração

Fonte: Agência Jovem de Notícias/Autoria: Ana Sofia Henriques

7 U-REPORT

O U-Report é um programa que, através de chatbots, realiza pesquisas com milhares de adolescentes e jovens através das redes sociais sobre temas relevantes para a sociedade e que estão em alta nas discussões globais. Desenvolvido inicialmente em 2015 pela UNICEF para atuação exclusiva no Quênia, o U-Report expandiu para mais de 15 nações e, desde 2017, é executado pela Viração Educomunicação no Brasil, e mais de 164 mil pessoas já participaram do programa no país. A partir dos resultados obtidos das pesquisas, o chatbot gera dados estatísticos que são usados para a produção de conteúdo voltada para juventude e também de maneira social como respaldo para a solicitação de projetos e ações ao poder público que são de interesse para a juventude.

7.1 Público-alvo

Adolescentes e jovens entre 13 e 24 anos com acesso às redes sociais.

7.2 Formato

É um chatbot, ou seja, um robô que reproduz de maneira automatizada a conversação com pessoas através de perguntas e respostas programadas. A U-report possui chatbots instalados no Facebook, Messenger, WhatsApp, Telegram e SMS, que são canais por onde os jovens conseguem interagir com o software e expressar a sua opinião sobre determinado tema ou assunto respondendo enquetes.

7.3 Periodicidade

O U-Report está no ar desde 2017, e realiza suas pesquisas sem uma periodicidade pré-definida, e sim levando em consideração temas que estão em alta em discussões midiáticas e nas redes sociais que se relacionem de alguma forma com a juventude.

7.4 Número de edições

Não se aplica, pois não há uma contagem de quantas pesquisas já foram realizadas através do U-Report.

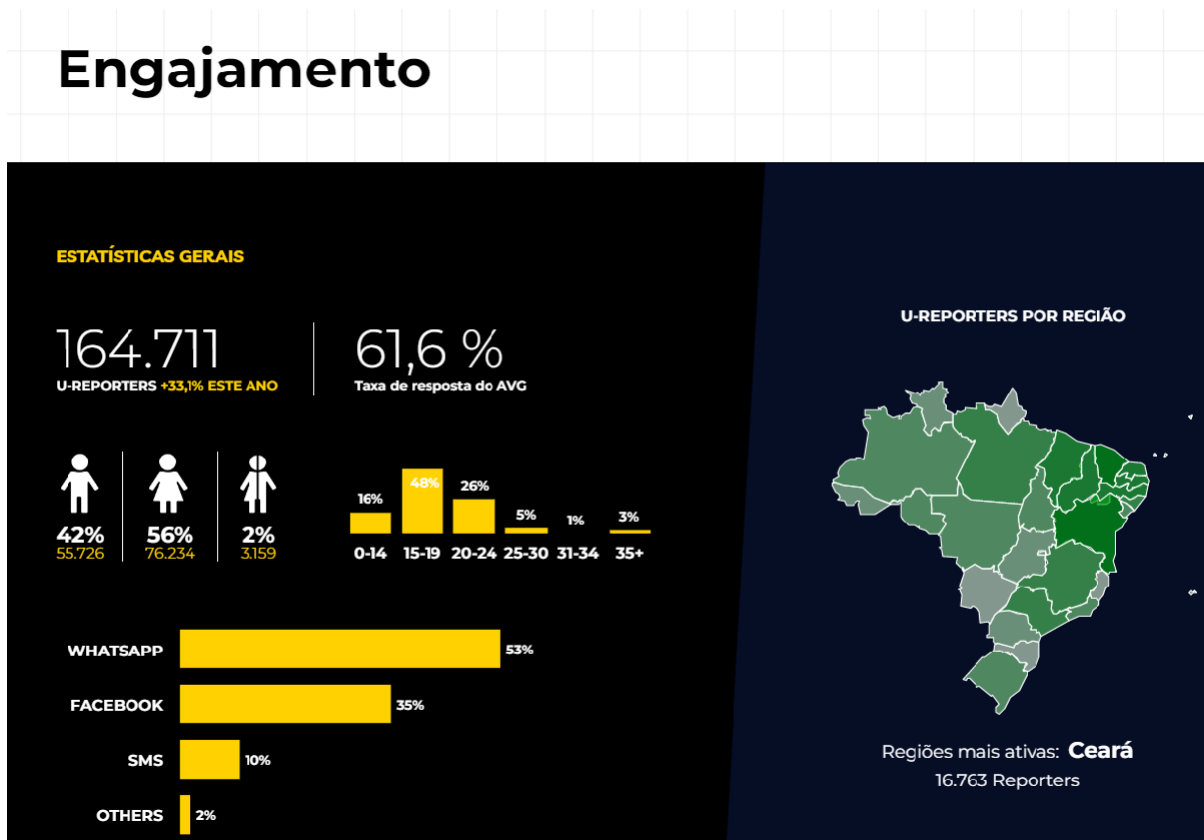
7.5 Desenvolvimento

Os temas das enquetes são selecionados após a curadoria de um conselho jovem de diferentes cidades e regiões do Brasil, que também opinam na maneira como as mensagens do chatbot serão construídas para a conversação com os usuários. Após esse processo de elaboração, são lançadas então as enquetes que podem ser respondidas pelos jovens através de uma das redes sociais onde o chatbot está instalado, sendo estas: Whatsapp, Facebook, Messenger, Telegram e também por SMS. Para participar de uma das enquetes, o usuário só precisa enviar uma mensagem pelo chat na página do Facebook com a palavra COMEÇAR, ou no WhatsApp para o contato (61) 9687-1768 e via SMS para o número 28428. Antes das perguntas específicas sobre temas, o chatbot realiza um breve questionário sobre a idade, gênero, região onde reside e etnia da pessoa, para fins de identificar através desses dados informações sobre o público atingido majoritariamente pelo programa, mas preserva o anonimato de todos os participantes. O robô, apelidado de Iure, se comunica em uma linguagem coloquial e com expressões características da juventude durante a troca de mensagens. Após o período de duração de cada pesquisa, é possível acessar os resultados gerados através do site da U-Report Brasil na aba Opiniões e ainda aplicar filtros que condicionem a exibição das respostas por faixa etária, região do Brasil ou gênero, por exemplo. Além disso, esses resultados geram conteúdo informativo que é compartilhado via redes sociais e usado como base de dados para matérias e até mesmo requerimentos e demandas políticas relacionadas a pautas de interesse público.

7.6 Amostra

Ambas as figuras abaixo (11 e 12), são de prints do site da U-Report Brasil, sendo que a primeira se trata da aba de Engajamento que registra as estatísticas gerais do programa e os números relacionados aos usuários participantes, enquanto a seguinte se trata da categoria de Opiniões com um exemplo de enquete realizada pela U-Report.

Figura 11 - Aba sobre o registro de engajamento da U-Report Brasil



Fonte: U-Report Brasil

Figura 12 - Exemplo de dados gerados através das respostas dos jovens a uma pesquisa do U-ReportBrasil sobre mudanças climáticas



Fonte: U-Report Brasil

Já a figura 13, é um exemplo de como o Iure, chatbot da U-Report Brasil, conduz a conversação via Messenger, aplicativo de mensagens do Facebook.

Figura 13 - Print de como acontece a pesquisa via chatbot da U-Report Brasil



Fonte: Mayla Shiva Gribl Souza

8 ANÁLISE

Diante do material exposto e as informações oriundas de cada um deles, algumas análises para fins comparativos foram observadas, sendo que a primeira e mais latente delas se trata da faixa etária compartilhada por todos: De fato, a Viração busca através de todas as suas plataformas realizar uma produção voltada para adolescentes e jovens dos 12 aos 24 anos, adaptando a sua linguagem, comunicação, abordagem e priorização de temáticas levando em consideração esta faixa etária e se fazendo presente nas plataformas predominantemente utilizadas por eles, como redes sociais, websites, aplicativos de mensagem e streaming, explorando o que Citelli (2004, p. 137) apelidou como “escolas paralelas”, isto é, ambientes alternativos capazes de promover o ensino para além das instituições escolares.

Vale ressaltar, principalmente, as categorias de formato e desenvolvimento e a proposta multiconteúdo e multiplataforma presente nos 3 projetos centrais da Viração Organização, que usufrui dos ambientes virtuais mais relevantes da atualidade, as mídias e redes sociais, para construir canais de interação, engajamento e visibilidade não apenas para os projetos e a organização, mas sobretudo para os jovens que estão inseridos em seus processos, possibilitando o reconhecimento e identificação desta produção realizada pela juventude e exibindo-a de maneira que possa, inclusive, viabilizar oportunidades no mercado midiático, incentivando e impulsionando a prática de futuros comunicadores sociais e lideranças comunitárias, de acordo com o que Fantin e Girardello (2009, p. 82) assumem ao defender que “tão importante quanto lutar contra a exclusão social, recuperar o espaço público e promover a apropriação social das novas tecnologias nas cidades por meio de políticas públicas, é estimular uma apropriação crítica e criativa de tais tecnologias.”

Uma vez que estes jovens estejam envolvidos com o desenvolvimento, de maneira direta ou indireta, de todos os produtos aqui analisados, dois importantes vieses podem ser destacados: O primeiro se trata do aprendizado de ofícios, através das oficinas e da produção que ocorre nestes núcleos educacionais, onde o jovem acessa o conhecimento e a prática midiática de maneira que, ainda hoje, não é majoritariamente lecionado nas escolas e centros de ensino brasileiros, mas que Soares aponta como necessário:

No caso, a Educomunicação dialoga com a Educação, tanto quanto com a Comunicação, ressaltando, por meio de projetos colaborativamente planejados, a importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelas quais a comunicação se dá. Busca, desta forma, transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com

o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação (SOARES, 2014, p. 24)

O segundo, e talvez mais importante dentro desta análise, é o senso de protagonismo e pertencimento exercitado pela juventude que se envolve em todas as etapas dos processos, desde a escolha das pautas que a interessam até, de fato, a elaboração dos materiais e divulgação destes conteúdos, sendo o agente central e indispensável para o sucesso de todos os projetos pois, de fato, eles só são possíveis graças ao envolvimento de tais jovens. Este olhar de priorização e percepção sobre si, seus próprios interesses e da vivência particular e coletiva que ele carrega dentro do contexto social e comunitário no qual está inserido, vai de encontro ao que o patrono da educação brasileira Paulo Freire defende em sua teoria acerca da conscientização dos sujeitos:

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 1983, p. 27)

Assim, assume-se que é esta formulação de um pensamento e ação crítica e mobilizadora capaz de engajar a juventude com a vivência ao seu redor e o motiva a descrevê-la, intervir-la e compartilhá-la através da rede criada pela Organização Social Viração, que permite a cada jovem que integra alguma ponta destes projetos expandir o alcance da sua voz e levar as suas experiências país e globo a fora.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da análise proposta neste trabalho, percebe-se que a Organização Social Viração Educomunicação cumpre, através de seus principais projetos, todos os critérios para ser considerada uma iniciativa de educomunicação e educação midiática, pois utiliza de recursos naturais da prática jornalística como textos, revistas, matérias digitais, enquetes, gráficos, podcasts e demais ferramentas informacionais em prol da mobilização social e engajamento da juventude brasileira, incentivando o impulsionamento e a expansão do que é de interesse coletivo dos jovens para que, ao colocá-los como centro de discussões e pautas relevantes mundialmente, estes possam ser agentes de mudanças socioeconômicas, políticas e espaciais importantes no futuro, ao se verem capazes de construir uma prática crítica e ativa perante a sociedade através dos meios que já lhe são comuns, como as redes sociais, tecnologias e mecanismos digitais, que se tornam veículos de transformação e impacto social nas mãos de uma juventude plural e comprometida com a perpetuação e proteção dos direitos da humanidade.

Por meio dos argumentos defendidos ao longo desta monografia e os resultados advindos através dos materiais educ comunicativos aqui apresentados, fica evidente a potência mobilizadora e transformadora que a educação, quando pensada em prol da formação cívica, cidadã e social dos indivíduos, pode atingir quando aliada a um uso consciente da comunicação e das suas ferramentas. Neste sentido, reforça-se a necessidade de defesa constante e vigilante dos direitos ao acesso à educação de qualidade a todos os indivíduos, pois é a partir da aprendizagem que se tornam possível grandes mudanças no espaço social e a promoção de revoluções importantes para o progresso contínuo dos indivíduos, em busca de que um dia seja possível atingir uma vivência digna e equitativa entre os mesmos.

Como fruto da educação pública, concluo este trabalho sobretudo como uma ode ao poder de transformação e impacto na realidade que o ensino pode ter quando gerido por agentes mobilizadores e engajados com a transformação social e instrução crítica de uma juventude que, no futuro, será reflexo da construção do agora.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS. **Quem somos**, 2005. Disponível em: <https://agenciajovem.org/>. Acesso em: 22 set 2022.
- ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Disciplina escolar e cidadania: um enfoque psicogenético à questão dos limites. *In*: Goulart, Íris Barbosa (org.). **A educação na Perspectiva construtivista**: reflexões de uma equipe interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ARAÚJO, Sammara Costa Pinheiro Guerra de. **O direito à informação na legislação brasileira**. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/36315/o-direito-a-informacao-na-legislacao-brasileira>. Acesso em: 02 maio 2022.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3. ed revista. Campinas: Autores Associados, 2012.
- BERNARDINI, Gleice; GOBBI, Maria Cristina. Levante Popular da juventude brasileira: saímos do facebook. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 17, p. 109-122, 03 jan. 2014. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/1891>. Acesso em: 10 set. 2022.
- CASTRO, Sumaya Pimenta de; MALAVASIM, Abigail. A relação da pedagogia da autonomia de Paulo Freire com a prática docente no contexto educacional. *E-Mosaicos*, [s.l.], v. 6, n. 13, p. 105-111, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/30808/22844>. Acesso em: 06 maio 2022.
- CITELLI, Adilson; **Comunicação e Educação**: a linguagem em movimento. 3. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.
- CITELLI, Adilson. COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CITELLI, Adilson Odair; SOARES, Ismar de Oliveira; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 12-25, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330/159511>. Acesso em: 03 maio 2022.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 19-28, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília: Senado, 1988. Disponível em: http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf. Acesso em: 02 maio 2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania**: tudo que você deve saber sobre mídia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FANTIN, Monica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27-40, 21 jul. 2011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3483/2501>. Acesso em: 20 mar. 2022.

FANTIN, Monica. Mídia-educação no ensino e o currículo como prática cultural. **Currículo Sem Fronteiras**, Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 437-452, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss2articles/fantin.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 69-96, 30 abr. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2009v27n1p69>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-95X.2009v27n1p69/12291>. Acesso em: 04 maio 2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2021. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf. Acesso em: 01 abr. 2022.

JACQUINOT, G. O que é um educador: o papel da comunicação na formação dos professores. São Paulo: NCE USP, 1998. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cursoobjetosaprendizagem/jacquinot_98.pdf. Acesso em: 04 jun. 2014.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 20-31, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/TbQqQMLs9D5jQ5CRGzZQNSK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2022.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, dez. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302011000400010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vDyJXnzDWz5VsFKFzVvtpMp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. Comunicação e educação: um olhar para a diversidade. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 53-58.

LOPES, Roseli Esquerdo; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; MALFITANO, Ana Paula Serrata; TAKEITI, Beatriz Akemi; SILVA, Carla Regina; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 63-76, set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/xDfVHWyfDB4cFsfSJnQ46Np/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

MAIA, Gretha Leite. A juventude e os coletivos: como se articulam novas formas de expressão política. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 58, 30 jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8630/pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51, 30 set. 2000.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: the extensions of man**. Canada: McGraw Hill, 1964.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; VIANA, Claudemir Edson; RAMOS, Daniela Osvald. Uma formação inovadora na interface educação e comunicação: aspectos da Licenciatura em Educomunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 218-228, abr. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: https://ead.stf.jus.br/cursos/controleconstitucionalidade/files/aula3/declaracao_universal_dir_eitos_humanos.pdf. Acesso em: 02 maio 2022.

PAULINO, Roseli Aparecida Fígaro. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 17, p. 37, 30 abr. 2000.

PRA BRILHAR. **Sobre**. 2018. Disponível em: <https://prabilhar.org/>. Acesso em: 22 set. 2022.

ROTHBERG, Danilo; LUVIZOTTO, Caroline Klaus; VANZINI, Kátia Viviane da Silva. As revoltas e seu impacto sobre a comunicação pública: o potencial do observatório participativo da juventude. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 227-240, 27 maio 2014. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3515/3028>. Acesso em: 10 set. 2022.

SARTORI, Ademilde Silveira. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. **Comunicação Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 33-48, jul. 2010.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. Concepção dialógica e as NTICs: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005, Recife. **Anais do V Colóquio Internacional Paulo Freire**. Recife, 2005. p. 1-15. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>. Acesso em: 06 maio 2022.

SCHMIDT, Saraí. Quando “ter atitude” é ser diferente para ser igual:: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 195-

210, jul. 2010. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/201/199>. Acesso em: 05 maio 2022.

SINGER, Helena (org.). **Comunicação Comunitária**. São Paulo: Associação Cidade/Escola Aprendiz, 2011. (Coleção Tecnologias do Bairro-Escola).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 19, n.2, p. 15-26, 22 set. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>. Acesso em: 03 maio 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional e a aplicação contribuições para a reforma do ensino médio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUSA, Juliano Ferreira de; GOBBI, Maria Cristina. Geração digital: uma reflexão sobre as relações da juventude digital e os campos da comunicação e da cultura. **Revista Geminis**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 129-145, fev. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135517/ISSN2179-1465-2014-02-01-129-145.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 set. 2022.

SOUSA, Maria Martins de; SARMENTO, Teresa. Escola – família - comunidade: uma relação para o sucesso educativo. **Gestão e Desenvolvimento**, [s.l.], n. 17-18, p. 141-156, 1 jan. 2010. DOI: <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2010.133>. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/gestaoedesenvolvimento/article/view/133>. Acesso em: 24 maio 2022.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 51-61.

TUFTE, Birgitte; CHRISTENSEN, Ole. Mídia-Educação – entre a teoria e a prática. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 97-118, 30 abr. 2010.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Taxas de atendimento escolar**. 2021. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/nota-tecnica-taxas-de-atendimento-escolar.pdf?utm_source=site&utm_id=nota. Acesso em: 02 maio 2022.

TOMIZAKI, Kimi; DANILIAUSKAS, Marcelo. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro-Posições**, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 214-238, abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0126>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/N8zhppMrg6Y9WY5gqLgKBLt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

U-REPORT BRASIL. **U-report**: aqui sua voz tem poder, 2015. Disponível em: <https://www.ureportbrasil.org.br>. Acesso em 22 set. 2022.

VIRAÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO. **Portfólio**. Disponível em: <https://issuu.com/viracao>. Acesso em: 22 set. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.